

## A democratização dos espaços de aprendizagem em prol das infâncias na educação infantil

### *The democratization of learning spaces for the profit of children in early early education*

Kaliany Araujo Coqueiro<sup>1</sup>

Leticia Aparecida Gonçalves Lara<sup>2</sup>

Janderson Lacerda Teixeira<sup>3</sup>

#### Resumo

Durante todo o percurso escolar, o sujeito vivencia diversas experiências de aprendizagens dentro e fora de sala de aula. Sendo assim, é inegável que a ocupação dos espaços escolares é fundamental para a construção significativa do ensino-aprendizagem. A democratização dos espaços na Educação Infantil, objeto de estudo deste artigo, é um desafio para as Escolas, professores, gestores e profissionais da educação. Esta pesquisa busca uma reflexão sobre a importância da democratização dos espaços escolares para a primeira infância. Buscamos compreender também em que medida a relação da criança com os espaços da escola favorecem a construção de autonomia e aprendizagens e, por fim, discutiremos a importância da democratização dos espaços escolares, desde o processo de construção até a ocupação e utilização dos prédios. Para isso, realizamos pesquisa bibliográfica e documental, a partir de consultas às diretrizes para educação infantil, dos indicadores de qualidade e do currículo da cidade de São Paulo.

**Palavras chaves:** Infância; Espaço; Democratização.

#### Abstract

A lo largo de su trayectoria escolar, los alumnos viven diversas experiencias de aprendizaje tanto dentro como fuera del aula. Como tal, es innegable que la ocupación de los espacios escolares es fundamental para la construcción significativa de la enseñanza y el aprendizaje. La democratización de los espacios en la Educación Infantil, objeto de este artículo, es un desafío para las escuelas, los profesores, los gestores y los profesionales de la educación. Esta investigación busca reflexionar sobre la importancia de la democratización de los espacios escolares para la primera

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Santo Amaro – E-mail: kalyaraujo15@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Santo Amaro Unisa - E-mail: leticialara.0197@gmail.com

<sup>3</sup>Docente do Curso de Pedagogia, Letras, História e Ciências Biológicas da Universidade Santo Amaro – Unisa - E-mail: jlteixeira@prof.unisa.br

infância. Também buscamos compreender em qué medida la relación del niño con los espacios escolares favorece la construcción de la autonomía y el aprendizaje y, por último, discutiremos la importancia de democratizar los espacios escolares, desde el proceso de construcción hasta la ocupación y el uso de los edificios. Para ello, realizamos una investigación bibliográfica y documental, basada en la consulta de las directrices para la educación infantil, los indicadores de calidad y el currículo de la ciudad de São Paulo.

**Keywords:** Infancia; Espaço; Democratización.

## **Introdução**

O presente artigo trata da questão de como as estruturas dos espaços escolares podem interferir nos estudantes de Educação Infantil, com foco em buscar uma reflexão sobre a importância de desenvolver o sentimento de pertencimento, não só nos espaços internos, mas também externos.

Para assim, entender que a Escola é além de um espaço físico, um lugar. Com fundamento, em lugar e espaço, e em que medida a democratização dos espaços de aprendizagem podem contribuir para o desenvolvimento da criança na pré-escola. No qual a criança deve sentir-se acolhida.

Subsistem obstáculos de aspectos arquitetônicos, que afetam diretamente como o educador possibilita a utilização dos espaços, de modo que acarrete prejuízos ou benefícios, de acordo com o modo que o espaço está sendo utilizado, sendo capaz de prejudicar ou potencializar o processo de desenvolvimento dos discentes, dependendo se o espaço ofertado é adequado para a utilização.

É importante falar sobre democratizar os espaços no sentido de potencializar a curiosidade das crianças, proporcionar momentos, disponibilizar possibilidades para a criatividade, desenvolvimento, para que a criança possa realmente vivenciar a infância, colocando a criança como protagonista de sua aprendizagem.

Mesmo com avanços positivos no processo de ensino e aprendizagem, ainda se vê o ensino limitado às paredes da sala de aula e sabemos que a aprendizagem vai além, e existe necessidade de ultrapassar essas paredes. Com espaços adequados é possível total aproveitamento desses espaços.

Hoje vemos pré-escolas que são prédios, sem nenhum acesso a natureza, o que é de grande valia para os pequenos, principalmente nessa fase que explorar e descobrir estão a todo vapor. Destacamos que as informações aqui disponibilizadas foram obtidas por meio de pesquisas bibliográficas e documentais.

## **Espaço versus lugar**

O ato de brincar, alimentar, andar e descobrir o mundo é uma inter-relação do sujeito com o ambiente, no ambiente. Segundo Escolando e Frago (2001), "... a memória não registra a

duração concreta... É pelo espaço, é no espaço que encontramos esses belos fósseis de duração concretados por longos tempos..." (Frago, 2001 p.62), ou seja, ao buscar recordar-se, para si mesmo, algo na memória, não há uma intenção em identificar o tempo, e sim, vivenciar a ação novamente. Por isso, discutir sobre a arquitetura escolar auxilia compreender quais fósseis serão encontrados nas mentes das crianças.

Em vista disso, pensar na estrutura do espaço, é questionar qual lugar a Escola tem na vida dos estudantes. Segundo a linguística, o signo é a união indissociável entre o significante e o significado, no qual o primeiro está relacionado ao termo em si, enquanto o segundo seria a própria ideia ou objeto a que se refere. Logo, o espaço e lugar apesar de estar correlacionados, não só apresentam significantes distintos, mas significados também.

Dessa maneira, o gestor e/ou educador ao buscar conceituar as diferenças, possibilita reinterpretar a Escola, pois depende da prática pedagógica, poderá ser só um espaço ou um lugar durante a trajetória escolar do aluno. Conforme colocado por Cunha;

A compreensão dos significados desses termos não leva apenas ao emprego gramatical correto dos mesmos nos textos produzidos; essa compreensão encaminha para reflexões importantes que envolvem os significados e imbricação dos termos nas estruturas sociais de poder (Cunha, 2008 p. 183).

Portanto, para discutir esses conceitos, a corrente utilizada foi da Geografia Humanista, no qual defende o espaço está relacionado, diretamente, ao meio físico. Onde o sujeito vivencia suas experiências, em outras palavras, o espaço é a oferta da possibilidade. Enquanto, o lugar seria a transformação do espaço, de forma potencializado, no qual estabelece sentidos para o sujeito.

Desta maneira, encontramos o lugar no espaço social aquele que foi socialmente construído fruto das apropriações da natureza e pelos modos de trabalho nomeados por significados compartilhados pela própria cultura configurado pelo gesto das instituições ao legitimar o espaço vivido observado pelas experiências acumuladas pelo conhecimento da Humanidade. (Domingos e Mariano, 2023, p.139).

Sendo assim, o espaço torna-se lugar quando o indivíduo e/o grupo atribui o valor aquele ambiente. "É através da produção de Tuan que o lugar deixa de ter uma conotação espacial e agrega a experiência vivida dos sujeitos como forma de configuração da realidade". (Sasaki, 2010 p.116).

Contudo, o acesso ao lugar é a junção entre o espaço e tempo, no qual é necessário que seja ofertado o espaço (estrutura adequado), mas também disponibilizar um tempo (prática pedagógica) onde o aluno possa vivenciar e sentir-se parte disso. De acordo com Escolano e Frago:

Há muitas maneiras de impedir ou proibir, mesmo sem fazê-lo de forma expressa. Basta que se ocupem todos os espaços e todos os tempos. Um projeto totalitário seria aquele que os indivíduos, isolados ou em grupos, não dispusessem de espaços ou tempos". (Escolano e Frago, 2001 p.61).

Logo, o espaço proporciona uma leitura não-verbal sobre qual é a visão da escola, de

estudantes, e quais valores querem passar. Pois o simbolismo exposto nas grades, na falta de espaços externos e no pouco ou extinto contato com a natureza, possibilita detectar em qual lugar pretende ofertar aos discentes.

O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia de cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz a respeito não só às relações interpessoais – distancias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder-, mas também a liturgia e os ritos sociais, á simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – a localização e posturas-, á sua hierarquia e relações. (Escolano e Frago, 2001 p.161).

## **Pertencer ou estar**

Desde a Primeira Revolução Industrial, a quantidade de pessoas que migraram das regiões rurais foi bastante significativa. Segundo um estudo divulgado pela Embrapa, em 2017, 84,3% de brasileiros vivendo em regiões urbanas, totalizando 160 milhões de pessoas. O processo de urbanização não planejada acaba gerando consequências em diferentes dimensões para as crianças nos centros urbanos, como descreve por Elali (2003).

[...] socioeconômica, a socioafetiva (tanto pela convivência apenas com a família nuclear com poucos filhos, quanto pela desestruturação familiar), a de espaço físico (diminuição do espaço da habitação e do contato com a rua), a de tempo livre (nas classes mais favorecidas seu tempo é tomado por atividades didáticas e formação complementar, e naquelas menos favorecidas pela participação no mercado de trabalho) e a da natureza (contato com elementos naturais como água, terra, plantas e animais). (ELALI, 2003 p.31).

O ambiente escolar é um espaço em que o individuo permanecerá por anos. Sendo assim, a forma como o ambiente é pensado torna-se de suma importância, pois poderá ajudar ou dificultar os estudantes a desenvolverem suas potencialidades.

A Educação infantil, por exemplo, é extremamente importante na vida de todo ser humano, estruturar um espaço que contemple o desenvolvimento saudável, permitirá benefícios em longo prazo e contribuirá com o processo de ensino-aprendizagem que deve ocorrer nas outras etapas da Educação Básica.

Segundo Escolano e Frago:

A aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado de confluências de diversas formas e tendências. Algumas mais amplas, de caráter social, como a especialização ou segmentação das diversas tarefas ou funções sociais e autonomia das mesmas [...] Da mesma maneira que para ser professor ou mestre não servia qualquer pessoa, tampouco

qualquer edifício ou local servia para ser uma escola. (Escolano; Frago, 2001 p.73).

De acordo com o Censu Escolar, do ano de 2017, 25% das escolas públicas possuem áreas verdes, e 27% parques. Tendo em vista, que os Indicadores de Qualidade de Educação Infantil (Brasil, 2009 p. 50), define o contato com a natureza um critério de qualidade, ainda estamos distantes de um modelo de estrutura predial escolar ideal no Brasil.

Ainda assim é preciso refletir sobre a prática pedagógica de como aproveitar os espaços para garantir que a criança vivencie as primeiras sensações e impressões sobre o mundo que a cerca. Isto é, mesmo que a estrutura predial não seja adequada é preciso resignificar os espaços escolares. Evidentemente se não há estrutura arquitetônica o trabalho do professor será ainda mais complexo e ao sugerirmos a resignificação dos espaços não defendemos a ideia de culpar individualmente os docentes. Ao contrário, a proposta é a ocupação dos espaços escolares, bem como a resignificação, para desenvolver a sensação de pertencimento do lugar, escola, aos alunos. Isto porque o lugar está relacionado ao pertencimento. Pertencimento escolar refere-se na identificação, no senso de conexão que a criança tem com a escola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fala de eixos estruturantes da Educação Infantil, onde seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser assegurados. Conviver. Brincar. Participar. Explorar. Expressar. Conhecer-se

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (Brasil, 2018, p. 60)

As possibilidades que as crianças possuem as tornam pertencentes ao lugar. “A escola é um lugar onde se aprende a conduzir a existência.” (Currículo da Cidade: Educação Infantil, 2019, p. 23).

## **Estrutura escolar**

O Censu escolar de 2019 demonstra que crianças de 0 a 6 anos, matriculadas em escolas de educação infantil aumentou 167,8 mil a mais que no ano anterior, 2018. Assim sendo, uma conquista social, porque, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Estado tem o dever de proporcionar atendimento gratuito para as crianças dessa faixa etária. Porém com o crescimento significativo de vagas, surge outra indagação: quais são as condições dos espaços escolares ofertados para este público?

Pois, segundo a própria LDB, outro dever do Estado, é disponibilizar um ensino com padrões mínimos de qualidade. Logo, repensar na estrutura escolar é de caráter pedagógico e político.

Para que se transforme em um ambiente que potencialize a autonomia e a independência dos bebês e das crianças, independente da faixa etária, o ambiente externo precisa ser considerado como parte integrante do currículo. É importante essas áreas serem livres e descobertas, para proporcionar aos bebês e crianças diariamente contato com o sol, em horários adequados, e com outros elementos da natureza. (Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulistana: orientação normativa nº 01/2015 / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/ DOT,2015, p. 32)

O fato de algumas escolas serem adaptações de locais que não foram projetados para tornarem-se espaços de educação formal é um fato recorrente desde o século XVIII. “Essas escolas funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das Câmaras Municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais, ou na própria residência dos mestres” (Filho; Vidal, p. 21).

Sendo conhecida por escolas improvisadas, onde o responsável por ministrar a aula, ou seja, o professor tinha vínculo direto com o Estado, pois o próprio nomeava para essa função. Logo, diferenciando do ensino doméstico, pois apesar de também serem realizados em espaços improvisados, o responsável tanto pelo pagamento, quanto pelo profissional era a própria família.

Em vista disso, a falta de ambientes externos nas unidades de ensino (U.E.) foi possível identificar três circunstâncias. Aquelas que não foram pensadas para tal finalidade, e por conseguinte, ou não acontece reforma para adquirir esses meios físicos ou, simplesmente, a estrutura não permite a construção. Sendo assim, tornam-se os ambientes externos cada vez mais extintos nas (U.E.).

Contudo, outra questão, é a formação dos profissionais responsáveis pela construção desses edifícios, pois dependendo do modelo de escola que o profissional tem na mente, como salas e mais salas, como janelas acima da visão da criança, sem iluminação e sem ambiente de contato com a natureza causam consequências negativas, o papel desse profissional é tão importante, que um estudo divulgado pela Universidade de Salford, no Reino Unido, constatou que quando o prédio escolar é bem projetado o rendimento acadêmico dos estudantes pode ampliar em 2%.

Além disso, o inciso X, do artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) diz: “promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”.

Por outro lado, ao analisar a estrutura predial das U.E, não devemos esquecer do momento histórico daquele período, pois o modelo é construído a partir de ideais político-ideológico, então, a estrutura expressa as concepções de educação. Desse modo, os ritmos das tendências pedagógicas e das edificações são distintos e sempre carregados de intencionalidade

política.

A diferença entre os ideários pedagógico e arquitetônico impede um melhor diálogo entre essas áreas, pois a primeira preocupa-se exclusivamente com as relações ensino-aprendizagem, enquanto a segunda centra-se na geração de um invólucro construído (Elali, 2003, p.311)

Dessa forma, a criação de uma U.E, requer um trabalho interdisciplinar, no qual todos, comunidade, familiares, alunos, profissionais da educação, professores, devem participar para construção de espaços significativos de aprendizagem. Ou seja, é necessário a compreensão de que a arquitetura escolar é uma peça importante do currículo, pois é através desses espaços que a construção do ensino-aprendizagem será iniciada.

Podemos usar o espaço como um terceiro professor [...] o espaço não pode lutar contra o ensino, mas sim tornar-se apoio do mesmo, todo esforço deve ser reunido na intenção de formar o melhor possível a criança, minimizando ou de preferência excluindo as barreiras ao aprendizado. (Sebastián-Heredero; Ziliani, 2022, p.5).

### **Como a construção da U.E impacta na utilização posterior?**

Como são desenvolvidos os projetos arquitetônicos escolares? Esta pergunta pode nos proporcionar uma necessária reflexão de como os espaços escolares são pensados para uma utilização que contribua para a aprendizagem de qualidade. Essas construções são pensadas por especialistas? Existe diálogo entre os profissionais da educação, funcionários e professores, familiares, alunos, comunidade com os responsáveis pelo projeto e construção das Unidades Escolares?

Existem modelos de Centros Educacionais que respondem a essas perguntas. Como por um exemplo, os Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs. Criado por Darcy Ribeiro, na época que era Secretário de Educação no Rio de Janeiro, Sob o governo de Leonel Brizola. Menezes, afirma que: “Alguns estudiosos, acreditam que, para criar os CIEPs, Darcy Ribeiro havia se inspirado no projeto Escola-Parque de Salvador, de Anísio Teixeira, datado de 1950”.

O CIEPs, foram criados para atender uma realidade social ignorada. Isto é, os centros funcionavam de modo integral, para atender as necessidades e interesses das crianças das classes populares. Segundo, Menezes: “A ideia dos CIEPs considerava que todas as unidades deveriam funcionar de acordo com um projeto pedagógico único e com uma organização escolar padronizada, para evitar a diferença de qualidade entre as escolas”.

O grande feito do governo Leonel Brizola foi elaborar o Programa Especial de Educação com a participação de todo o professorado do Rio de Janeiro. Com esse objetivo, realizou-se um verdadeiro anti congresso destinado a debater e revisar um corpo de teses elaborado pela Comissão Coordenadora (Ribeiro, 1986, p. 16).

A proposta do CIEPs levava em consideração a realidade local e buscava ouvir a

população em relação as questões pedagógicas e do espaço predial da escola. Há quase quatro décadas, pensava-se em ouvir a comunidade escolar e do entorno da escola para a construção dos prédios das Unidades Escolares, O CIEP foi projetados por Oscar Niemayer, um dos principais arquitetos do século XX e que não se furtou de criar um projeto arquitetônico que partisse das escolhas e necessidades educacionais da população.

Segundo Ribeiro: “Em um verdadeiro anti congresso de características inéditas no país, os professores discutem amplamente os problemas educacionais para traçar os contornos de uma nova dinâmica de ensino a partir da organização dos espaços escolares”.

Apesar de receber muitas críticas, os CIEPs, era um projeto com características que valorizavam e priorizavam o fazer pedagógico. A construção dos Centros visavam atender as necessidades dos alunos partindo do importante ponto de que o espaço escolar também é capaz de ensinar

## **Democratização da prática**

Democratizar os espaços, é torna-los acessíveis. As crianças devem fazer parte das escolhas para os espaços, onde elas serão os protagonistas do brincar. Na educação infantil, cuidar, educar e brincar é uma tríplice coroa, elementos que pulsam uma escola da infância. Mas, para além disso, é preciso ouvir a criança.

Escutar significa precisar da contribuição do outro. Não basta haver interesse, motivação, convicção de que seja uma boa técnica para envolver as crianças; é preciso sentir, sincera e urgentemente, essa necessidade. É necessário precisar das crianças. (Tonucci, 2005, p. 180).

O diálogo precisa acontecer, para que essa escuta seja efetiva. Nessas conversas as crianças trazem ideias, e esses momentos de diálogos podem acontecer em diferentes espaços da unidade escolar. As crianças tem criticidade, elas colocam suas opiniões sinceras e suas observações. Na qual o adulto fará constatações, o que o levará a tomadas de atitudes.

Escutar as crianças nos vários espaços e levar a sério seus questionamentos e ideias é preconizar o desenvolvimento da autonomia delas e expandir suas possibilidades de participação no mundo social, nossa tarefa primeira. Porque ser humano significa em princípio, ser sujeito de escolhas, que devem se dar no âmbito da tomada de consciência. (Harmbach, 2023, p. 49).

Todo o diálogo deve ser registrado, onde as temáticas levantadas são levadas a equipe gestora. As falas das crianças podem servir para discussões com o Conselho de Escola, que contemple as demandas das crianças. E para que isso ocorra, é necessário que os professores, a equipe gestora e a comunidade escolar como um todo saibam verdadeiramente o que é a infância e o que realmente podem fazer para vivencia-la de forma plena.

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que



comportam o grande em menor tamanho, podem ser traduzido por um desejo de se intimidar com a vida. É um intimidar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa. (Piorski, 2016, p. 63).

Os espaços escolares devem ser organizados com objetivo de atender as necessidades pedagógicas das crianças. O lugar que a criança ocupa deveria estar na prioridade da escola. As intencionalidades educativas, necessitam estar organizadas para que ocorram transformações, para garantir a aprendizagem.

Ocupar o espaço fisicamente de maneira coletiva traz visibilidade à infância e o questionamento sobre a necessidade da reorganização da comunidade, do bairro e da cidade para receber as crianças e acolher suas necessidades e especificidades. É necessário principalmente observar, ouvir as crianças. (Harmbach, 2023, p. 104).

Com espaços adequados é possível construir aprendizagem significativa. Mas, existem elementos primordiais para que esses espaços sejam estruturados para transformações, como, acesso a natureza, materiais não estruturados, entre outros, que não seja um espaço exclusivo para brincadeiras, mas para a criança explorar, descobrir e conhecer a si mesma e seu entorno.

O espaço externo deve ser preparado para a criação de brincadeiras com recursos naturais, como folhas, árvores, areia, pedrinhas, pinhas. É parte da vida saudável de bebês e crianças o contato com a natureza: ouvir histórias e brincar na sombra das árvores, fazer cidades e estradas no tanque de areia, escalar uma escada de corda amarrada a um galho de árvore, brincar com objetos ao vento, barro, terra e água. (São Paulo, 2019, p. 97).

Os espaços precisam ser democráticos, entendendo que o espaço é uma ferramenta para uma aprendizagem significativa, e saber que o pulsar do cotidiano de uma escola que realmente vivência a infância não se limita às paredes da sala de aula, vai além, é fundamental ultrapassar essas paredes e abrir caminhos para a natureza, o imaginário e o brincar.

Produzir e brincar com objetos ao vento (pipa, biruta, cata-vento), lavar os brinquedos, participar de jogos de movimento ou simplesmente observar a natureza, ouvir um canto de pássaro, visitar as flores do jardim, acompanhar o crescimento das verduras na horta ou de uma planta. (São Paulo, 2019, p. 97).

O espaço escolar precisa proporcionar um ambiente de aprendizado propício, onde as crianças desenvolvem todo seu corpo, gestos e movimentos. Onde o professor, é o mediador de novas descobertas, não restringindo os pequenos para que possam explorar e conhecer, pertencendo e conduzindo o fio que conduz sua infância. Mas, para que isto seja possível é fundamental ouvir as crianças e é essencial que os pequenos sejam protagonistas do processo de organização do espaços escolares.

## **Malefícios de uma má utilização dos espaços de aprendizagem**

Os espaços de aprendizagem condizem muito com o desenvolvimento que a criança poderá alcançar se forem adequados para o processo educativo. Porém, se os espaços não forem compatíveis à promoção de uma aprendizagem significativa, haverá diversos malefícios porque eles transmitirão mensagens de ostilidade e violência. Não são poucas as pessoas na sociedade brasileira que carregam a lembrança de um prédio escolar cheio de grades, com paredes pintadas na cor gelo e muito semelhantes a estrutura predial de um Centro de Detenção. Qual aprendizagem é possível nesses ambientes? Como esperar que haja sentimento de pertencimento por parte da criança ou aluno? E como é possível esperar que a criança ou o estudante não responda à violência predial com a mesma ostilidade?

Os ambientes externos devem ser planejados e organizados com criatividade e sensibilidade para propor desafios e descobertas valorizando a potência criadora dos bebês e das crianças” (Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulistana: orientação normativa nº 01/2015/ Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/ DOT, 2015, p. 32)

A única maneira de romper com as ostilidades, com a falta de interesse da criança em permanecer na escola é construindo espaços externos e internos para uma utilização múltipla, que proporcionem experimentação, socialização e ludicidade, e que tenha o parque como um grande aliado.

O brincar, para a criança, é muito importante e não pode ser cercado, limitado pela pobreza de espaço e material e pela falta de interações do adulto durante as brincadeiras. O parque infantil é um espaço riquíssimo para invenções, imaginação e fantasia e para ampliar experiências das crianças. (Brasil. )

Um dos benefícios que a utilização plena dos espaços traz, é a função social. Momentos que proporcionam oportunidades de compartilhamento de conhecimentos, onde as crianças expressam-se juntamente com outras, o que no dia a dia, se torna parte do cotidiano, possuindo assim, vivências de interação e de infância.

Vindos de diferentes experiências em espaços privados, os bebês e as crianças encontram-se na escola e iniciam as suas jornadas na Educação Infantil ampliando e pluralizando as suas expectativas humanas. Os bebês e as crianças aprendem especialmente ao estabelecer interações e ao realizar brincadeiras. (Currículo da Cidade. Educação Infantil, 2022, p. 20)

E é no cotidiano que percebemos a importância dessa utilização benéfica que o espaço traz. E não apenas da utilização, mas da transformação dos espaços.

Se pode educar na natureza até em lugar “menos natural”, mesmo rodeado de concreto e asfalto; a única coisa de que se necessita é um pouco de sensibilidade para o meio, e sempre encontraremos alguma ocasião para incutir em nossos alunos o amor pela natureza (Bardanca, 2018, p. 64).

Sentir algumas práticas contribui para a construção de um cotidiano significativo que faz

pulsar a escola de Educação Infantil. É no deitar na grama para observar as nuvens, é no fechar os olhos no tanque de areia para sentir a brisa suave, no banho de mangueira, é no brincar na terra, explorar a natureza, mas, principalmente no brincar livre. São essas atividades, dirigida ou não, que fazem parte de uma aprendizagem significativa.

No entanto, raramente os ensinamos a valorizar a beleza cotidiana, essa que nos surpreende ao amanhecer do dia, em um campo, em uma frase dita, em um gesto [...] É por isso que, sem ter que realizar nada especial – nenhuma unidade didática, nenhum projeto –, sempre incorporamos, em nossa prática, o olhar para a beleza cotidiana. (Bardanca, 2018, p. 65).

Em suma, isto só é possível se a construção do espaço escolar se dá de maneira coelativa. Do contrário, é provável que o ambiente degradado de prédios vazios de significados contribua para a não aprendizagem e, sobretudo, pelo desejo de não permanência na escola.

## **Considerações finais**

Falar sobre a estrutura predial das escolas de educação básica, sobretudo, da educação infantil, é fundamental porque isto afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, no desenvolvimento das crianças. Se o espaço proporcionado não for adequado, como as crianças alcançarão uma infância significativa na escola?

A princípio discutir sobre o espaço escolar, algo que já está ao alcance, mesmo que precariamente, pode parecer pouco relevante, mas, compreender como as estruturas desses espaços podem interferir na Educação Básica, sobretudo, na educação infantil é primordial. Além disso, um prédio que não é pensado para a infância traz prejuízos incalculáveis para os pequenos, prejudicando todo o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, buscar reflexões sobre a relevância de desenvolver o sentimento de pertencimento a escola é fundamental. Mas, como as crianças criarão este vínculo se os espaços escolares não foram pensados para elas?

Não há dúvida de que é preciso garantir a construção democrática dos espaços escolares para que as crianças possam construir aprendizagens significativas com protagonismo. Para tanto, é necessário que estes espaços sejam reformulados e realmente pensados para as infâncias. É preciso compreender que os prédios escolares não são apenas um amontoado de concretos, os prédios são espaços que devem ser vivos e com intencionalidade pedagógica para o brincar, experimentar, aprender e viver.

## **Referências**

BARDANÇA, Ángeles Abelleira. **Os fios da infância**; tradução Tais Romeiro. – São Paulo: Phorte, 2018.

BARDANÇA, Ángeles Abelleira. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância**. Tradução Goal Translations (Firma). 1 ed. – São Paulo: Phorte, 2020.

BRASIL. Ministério a Educação. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério a Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Primeira Infância**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saud-de-a-a=z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia#:~:text=A%20primeira%20inf%C3%A2ncia%2C%20de%20zero,adolesc%C3%A2ncia%20e%20na%20vida%20adulta..> Acesso em 20 de set de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica: módulo 4 / Brasília: MEC/SEB, 2012.**

CUNHA, M. I. **“Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários”**. Educação Uninos. São Leopoldo. 2008. p. 182-186 disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644447004.pdf>. Acesso em: 01 de out de 2023.

DOMINGOS; E. L.; MARIANO, N. F. **O Lugar e a Paisagem Como Desafios e Perspectivas Culturais nas Aprendizagens**. Anais do IV Colóquios de Política e Gestão da Educação - n.4, p.135-146. 2023.

ELALI, G. A. **“O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil”**. SCIELO. p. 309-319. 2003.

EMBRAPA. **Mais de 80% da população brasileira habita 0,63% do território nacional**. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/28840923/mais-de-80-da-populacao-brasileira-habita-063-do-territorio-nacional#:~:text=As%20%20C3%A1reas%20consideradas%20urbanas%20no,urbanas%20j%C3%A1%20feito%20no%20Pa%C3%ADs.> Acesso em 21 de set de 2023.

FAJARDO, V. **“Maioria das pré-escolas públicas não tem parquinho, área verde e pátio coberto”**. JORNAL G1. 15 de nov. de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/11/15/maioria-das-pre-escolas-publicas-nao-tem-parquinho-area-verde-e-patio-coberto.ghtml>. Acesso em 23 de set de 2023.

FRAGO, V. A.; ESCOLANO, A. **“Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa”**. Rio de Janeiro -2ª edição. 2001. p. 61 a 79.

FILHO, L. M; VIDIGAL, D. G.; Os Tempos e os Espaços Escolares no Processo de Institucionalização da Escola Primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. p.19-34. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200003>. Acesso em: 1 de out de 2023.

HARMBACH, Marcia Covelo. **Gestão democrática: minúcias, dizeres e fazeres do Conselho Mirim na Educação Infantil**. – 1 ed. - São Paulo, 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **80 anos da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de São Paulo** – São Paulo: SME/ DOT, 2015

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbetes CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública)**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/cieps-centros-integrados-de-educacao-publica/> . Acesso em 25 nov 2023.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. – 2 ed. – São Paulo: SME/ COPED, 2022.

SASAKI, K. **A contribuição da geografia humanística para a compreensão do conceito de identidade de lugar**. Universidade Salvador. Salvador. 2010. p.112 a 120. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1524>. Acesso em 05 de out. De 2023.

SOUZA, F.; et al. "**Contribuições para o projeto de ambientes destinados para a educação infantil**". II Seminário Sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura. p.1-13. 2005. Disponível em : [http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/267/180%20SOUZA\\_FS%20et%20al.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/267/180%20SOUZA_FS%20et%20al.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 01 de out de 2023.

TIRIBA, L. "**Crianças da natureza**". Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento. Belo Horizonte. p. 2–15. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em: 21 de set. de 2023.

ZILIANI, V. C.; SEBASTIAN-HEREDERO, E. **Espaço Escolar e a Qualidade da Educação: Uma Revisão da Legislação Brasileira**. Revista online de Política e Gestão Educacional. Araraquara, v. 26. p.1-18. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.16752> . Acesso em 10 de out. De 2023